

TRABALHO INFORMAL: O IMPACTO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS MOTOTAXISTAS¹

Informal work: the impact of working conditions on mental health of motorcycle taxi drivers

PEREIRA NETA, Anísia Sousa²
BELO, Raquel Pereira³

RESUMO

Historicamente o trabalho ganhou diferentes conotações e, com diversas configurações, passou a ser realizado formalmente, quando se assegura os direitos trabalhistas, ou informalmente, quando, entre outros aspectos, não há a seguridade social. Várias categorias ocupacionais se encontram na informalidade dentre elas, o mototaxista. No presente estudo o olhar foi conduzido pela perspectiva dos estudos no âmbito da saúde mental do trabalhador visando investigar os múltiplos fatores envolvidos no processo saúde/doença no campo do trabalho. Dada à relevância do tema, objetivou-se conhecer a influência da dinâmica do trabalho informal na saúde dos mototaxistas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa, que contou com 21 participantes. Os dados foram analisados por meio do software IRAMUTEQ que possibilita diferentes tipos de análise de dados textuais. Por meio das análises alcançou-se 91,23% dos seguimentos de textos na Classificação Hierárquica Descendente; o corpus textual dividiu-se em sete Classes, que evidenciaram o impacto na saúde física, psíquica e social. Tais resultados refletem a dinâmica de trabalho dos mototaxistas que se submetem às longas jornadas de trabalho; convivem com os riscos de acidente no trânsito, estresse, insegurança, exposição ao sol e chuva, além do perigo de assalto. Assim, observou-se a precarização nas condições de trabalho que podem repercutir na saúde física e psíquica destes trabalhadores.

Palavras-chave: Trabalho informal. Saúde Mental. Mototaxista.

ABSTRACT

Historically the work has earned different connotations and different configurations; it became realized from a formal perspective, when the labor rights are secured, or informal, when, among other aspects, there is not social security. Many occupational categories are found in the informality among them, the motorcycle taxi drivers. In this study the view was conducted for the perspective of studies in the ambit of mental health of worker aiming to investigate the multiple factors involved in the health / illness process in the work field. Based on the relevance of the theme, it was aimed to know the influence of the Informal Work dynamics on the health of motorcycle taxi drivers. It is an exploratory, qualitative research which had 21 participants. The data were analyzed by the IRAMUTEQ software for enabling different types of textual data analysis. By means of analyses was reached 91.23% of the text sequences in the Descending Hierarchical Classification; The textual corpus was divided into 7 Classes, which evidenced the impact on physical, psychic and social health.

¹ Este estudo é resultado de pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, sob registro CAAE 71061917.6.0000.5669.

² Psicóloga pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: <anisia.neta@hotmail.com>.

³ Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPI). Professora Associada da UFPI nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia; Líder do Grupo de Pesquisa em Análise Psicossocial do Trabalho e das Organizações cadastrado no Diretório de Grupos do CNPq. E-mail: <rbelo@ufpi.edu.br>.

These results show the worker dynamic of motorcycle taxi drivers who undergo long working hours; coexist with the risks of traffic accidents; stress; insecurity; exposure to sun and rain; beyond the danger of assault. Therefore, it was observed the precariousness in the working conditions that can affect the physical and mental health of these workers.

Keywords: Informal work. Mental Health. Motorcycle taxi drivers.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta-se com várias características e se expressa em diversas configurações como, por exemplo, o trabalho formal, quando está pautado na formalização do contrato de trabalho e o trabalho informal, quando, entre outros aspectos, não existe a seguridade social ou o indivíduo detém o próprio negócio. Dentre as várias categorias ocupacionais informais, tem-se o mototaxista, que oferece um serviço alternativo de transporte em expansão no país. O serviço de mototáxi, embora seja regulamentado, apresenta más condições de trabalho, pois se dá em um ritmo intenso que pode provocar desgaste físico e ainda expor o trabalhador aos acidentes de trânsito, gases de combustão, variações climáticas, violência, dentre outros fatores que podem interferir no processo saúde/doença desta categoria ocupacional.

No presente estudo, a fim de averiguar tais processos de trabalho elegeu-se uma abordagem psicossociológica como base para estudos em saúde psíquica no trabalho visto que tal abordagem investiga os múltiplos fatores envolvidos no processo saúde-doença, influenciado por determinantes biopsicossociais com o intuito de auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas de saúde e com isso promover intervenções de caráter preventivo.

Desta maneira, o objetivo do presente estudo pauta-se em conhecer a possível influência da dinâmica do trabalho informal bem como de suas condições de trabalho na saúde dos mototaxistas. Perante as características inerentes ao Trabalho Informal e a ocupação mototaxista, justifica-se a pesquisa por possibilitar conhecer os impactos deste tipo de atividade ao considerar sua influência nos fatores sociais, familiares e na saúde dos trabalhadores. O estudo contou com 21 participantes mototaxistas, todos com idades acima de 20 anos, que foram abordados em seu ambiente de trabalho e tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada e para a análise dos dados foi feito uso do programa IRAMUTEQ – software gratuito que possibilita diferentes tipos de análise de dados textuais

TRABALHO INFORMAL

No Brasil, segundo Vargas (2016), o mercado de trabalho surgiu das inúmeras transformações econômicas, políticas e sociais que influenciaram nas relações de trabalho ao longo do tempo. Com a transição do sistema escravista para o assalariamento, desenvolveu-se o sistema capitalista iniciado no final do século XIX até por volta da década de 1920, deste processo, emergiu a exclusão social sofrida por parte dos negros recém-libertos e o surgimento do Trabalho Informal.

O mercado de trabalho como se conhece hoje, conforme Noronha (2003) é resultado da criação de vários órgãos e instrumentos jurídicos que beneficiaram os trabalhadores na década de 1930 e 1940. Assim, dentre outras mudanças neste setor, criou-se o Ministério do Trabalho; a Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS, conhecida popularmente como carteira de trabalho; e a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT. A partir de tais modificações, o trabalho para ser caracterizado na estrutura formal necessita estar em conformidade com as leis trabalhistas, atendendo à critérios como o salário mínimo, a jornada de trabalho, as férias anuais, dentre outros direitos instituídos.

Sobre a informalidade no campo do trabalho, Matsuo (2009) comenta que, assim como em outros países em desenvolvimento, de forma geral, muitos brasileiros realizam trabalho informal. Dentro desta realidade, são encontradas longas jornadas de trabalho, insegurança e ausência de direitos trabalhistas essenciais: tais condições precárias repercutem na vida do trabalhador por não atender aos princípios elementares de cidadania (COSTA, 2010).

Nesse sentido, Krein et al. (2013) apontam que apenas o aumento da formalização do emprego no país, não seria suficiente para superar os aspectos estruturais, que não só produzem como também mantêm as condições de trabalho precárias e a desvalorização do trabalhador. Os autores ainda reconhecem que existem outras formas de trabalho informal – os trabalhadores sem contrato formal, os trabalhadores por conta própria que não contribuem para segurança social e os trabalhadores não remunerados.

Perante as diferentes conotações da informalidade no mercado de trabalho, existe uma dificuldade para conceituá-la visto que abrange nuances como a economia informal, o mercado informal e o trabalho informal. Entretanto, tais dimensões, mesmo que possuam diferenças tênues, dividem algo em comum em suas configurações – a ausência de normatização por parte do Estado (LIMA e SOARES, 2002). Diante deste cenário, a fim de se compreender o trabalho informal é necessária a compreensão do trabalho formal, pois o no

primeiro caso não há uma formalização do contrato de trabalho, enquanto que no segundo, o trabalhador é assalariado e assegurado no que se refere aos direitos trabalhistas (ROSENFELD e ALMEIDA, 2014).

Portanto, o Trabalho Informal conforme a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2013) abrange uma relação de trabalho em que não há o pagamento de impostos e nem o trabalhador é assegurado pela segurança social, o que o coloca em situação vulnerável em relação aos direitos e benefícios trabalhistas. Diante desta realidade, Antunes (2011) assinala que compreender a informalidade, seus significados e manifestações é fundamental para que se possa conhecer os meios que propulsionam o Trabalho Informal, visto que a informalidade sugere um aumento considerável de trabalhos com sucessivos contratos temporários sem estabilidade, sem registro na CTPS, sem horário fixo de trabalho, utilizando as horas vagas para aumentar o rendimento, ou resulta ainda em situação de desemprego, que de acordo com Bendassolli et al. (2015) e Bernadino e Andrade (2015), caracteriza-se como um dos fatores impulsionadores do Trabalho Informal.

Entretanto, investigar as circunstâncias citadas acima é limitado, uma vez que, de acordo com Mariano (2015) é considerado apenas o comportamento do emprego formal: os dados são coletados pelo Ministério do Trabalho e Emprego – MTE que disponibiliza somente os dados referentes às contratações formais, demissões e evolução das vagas de emprego, o que torna esse mapeamento insuficiente para mostrar a real situação dos trabalhadores informais.

No tocante aos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2017a) sobre o desemprego, no primeiro trimestre de 2017, registrou-se a maior taxa de desocupação desde 2012, com um percentual de 13,2%; já no trimestre encerrado em setembro do corrente ano, conforme o IBGE (2017b), houve uma queda neste percentual com uma taxa de 12,4%, correspondente a 13,0 milhões de pessoas desocupadas no país; na categoria dos trabalhadores por conta própria o número estimado foi de 22,9 milhões de pessoas, mostrando um aumento em relação ao trimestre que encerrou em junho de 2017 e, comparando com setembro de 2016, houve uma alta de 4,8% com mais 1,1 milhão de pessoas que têm seu próprio negócio.

No que concerne às novas formas de relações de trabalho Azevedo e Tonelli (2014) apontam que podem variar de um país para outro, devido à legislação trabalhista vigente em cada país, assim, as especificidades dos contratos de trabalhos, podem ser entendidas como negativas ou positivas, pois são consequências de múltiplos fatores como: sociais, institucionais e o próprio trabalhador. As autoras ainda destacam que se costuma ligar o trabalho não tradicional ao trabalho flexível e quanto aos aspectos negativos, estes são mais

sentidos por trabalhadores individuais por terem menor representatividade para reivindicar melhorias junto ao Estado, no que diz respeito aos direitos sociais e trabalhistas orientados pela CLT.

Quanto à escolha pelo Trabalho Informal, conforme Kim, Tonelli e Silva (2017), não se pode dizer que esta forma de trabalho seja uma opção apenas para as pessoas que estão fora do mercado de Trabalho Formal, pois em sua pesquisa os autores entrevistaram executivos que migraram do Trabalho Formal para o Trabalho Informal, revelando que a maioria dos entrevistados demonstrou uma insatisfação com as condições laborais que tinham antes. Assim, o Trabalho Informal apresenta-se com várias características e se expressa em diversas configurações de trabalho nas quais o indivíduo que detém o próprio negócio, desempenha ao mesmo tempo as funções de patrão e empregado, seja com auxílio de mão de obra familiar ou de outras pessoas (CACCIAMALLI, 2000).

Sobre isso, Kon (2004) salienta que dentro desta perspectiva a informalidade passa a ser entendida sob outro prisma, não se restringindo apenas à definição que compara o caráter formal e legal do trabalho, ou seja, o empregado sem registro na CTPS, ou ainda que todos trabalhadores informais sejam mal remunerados, pois a informalidade pode ser vista a partir de suas diferentes formas de organização, a qual apresenta limites nos moldes capitalistas de produção exigindo novas formas de inter-relação entre o setor formal e informal. A referida autora também evidencia a existência de categorias dentro da informalidade com objetivos diferentes, que vão desde a produção direcionada para obtenção de renda para prover a subsistência, até àqueles que conseguem acumular lucros e aumentar a escala de produção. Assim, os trabalhadores autônomos ou por conta própria, podem apresentar diferentes condições de trabalho, de níveis de remuneração, de qualificação ou escolaridade em várias ocupações (KON, 2004). Perante a isso, observa-se a incidência de múltiplos fatores que podem influenciar as diferentes dimensões envolvidas na estrutura do Trabalho Informal, evidenciando a variabilidade de ocupações as quais podem apresentar maior ou menor grau de participação na economia.

No Brasil, a economia informal é de grande relevância para a economia de forma geral, devendo fazer parte do desenvolvimento de políticas públicas no país (VASCONCELOS, 2016). Quanto às políticas implantadas no âmbito nacional, há o programa Microempreendedor Individual – MEI em vigor desde 2008, criado a partir do SIMPLES Nacional para facilitar o pagamento de impostos das micro e pequenas empresas. O MEI promove a formalização das pessoas que trabalham por conta própria, seja no comércio ou em prestação de serviços, com no máximo uma pessoa contratada que passa a ter acesso à emissão de

notas fiscais, financiamento bancário, isenção de tributos e ainda contribuição para a Previdência Social, pagando um valor fixo mensal de cerca de 50,00 reais (PORTAL DO MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL, 2017).

CARACTERIZAÇÃO DA CATEGORIA DE TRABALHO MOTOTAXISTA

O mototaxista consiste em um profissional que oferece o serviço alternativo de transporte, regulamentado pela Lei 12.009 de 29 de julho de 2009, a qual estabelece as normas para o exercício da função, na qual se transporta passageiros, como meio de obtenção de renda (BRASIL, 2009). Esta atividade laboral foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do MTE sob n.º 5191-15, que se refere ao profissional que faz uso da motocicleta para transportar passageiros (CBO, 2015).

Dentre os vários fatores que impulsionaram o serviço de mototaxista em todo país estão o processo de globalização, a transformação do mercado formal de trabalho e o fortalecimento do trabalho informal, a busca por sobrevivência das populações com menor poder aquisitivo e sem os pré-requisitos necessários para inserção no mercado formal, o aumento do desemprego, o processo de desenvolvimento urbano e uma série de dificuldades no funcionamento dos sistemas de transportes de várias cidades (TEIXEIRA, 2013).

Fontana, Silva e Oliveira (2011) destacam que o serviço de mototaxista, ainda que tenha sido regulamentado, e com isso tenha favorecido diminuição da precarização do trabalho e a clandestinidade, apresenta más condições de trabalho, pois se dá em um ritmo intenso e acaba por evidenciar os riscos envolvidos na profissão como o cansaço físico e mental, a maior exposição aos acidentes de trânsito e à violência.

Os mototaxistas oferecem um serviço ágil e barato, no entanto nem sempre é um transporte seguro, caracterizando-se como uma opção importante de trabalho por favorecer a autonomia na realização das atividades laborais e proporcionar um retorno financeiro de até dois salários mínimos (AMORIM et al., 2012). O serviço de mototaxista surgiu da informalidade, em muitos casos assim permanece e está relacionada às várias condições, que embora garanta maior lucratividade expõe os indivíduos a vários riscos ocupacionais como exposição ao calor, ao frio, à poeira, à fumaça e aos ruídos que podem repercutir na saúde do trabalhador e causar estresse ocupacional, dentre outros agravos (TEIXEIRA, 2013).

Embora seja uma profissão em expansão no país, as principais características da dinâmica laboral do mototaxista consistem em trabalhar individualmente e sem supervisão, exercer a atividade a céu aberto nos períodos diurno e

noturno, submeter-se à inalação de gases de combustão de veículos, trabalhar em posições desconfortáveis por um longo tempo, vivenciar estresse constante em função do trânsito principalmente em grandes cidades (CBO, 2015). Diante disto, pode-se observar que a profissão é realizada com precárias condições e com longas jornadas de trabalho, acontecendo ainda uma pressão do tempo com a exigência de conseguir maior retorno financeiro, o que denota a incidência de efeitos negativos para saúde dos trabalhadores (AMORIM et al., 2012).

Outro ponto a se destacar é que, como os mototaxistas geralmente são trabalhadores informais e autônomos, é atribuída a estes profissionais a responsabilidade pela gestão da organização do trabalho, além da liberdade para decidir por uma maior ou menor exposição aos riscos e agravos intrínsecos à sua atividade laboral, colocando-os em situação suscetível ao adoecimento e a incapacidade relacionada ao trabalho (TEIXEIRA, 2013).

Levando-se em consideração as especificidades que abrangem as condições de trabalho dos mototaxistas, quando se observa os vários aspectos inerentes a esta profissão e os riscos ocupacionais que podem estar de alguma forma prejudicando sua saúde, seja pela carga horária, seja pelas condições de trabalho, fica evidente o quanto a referida categoria profissional urge por intervenções que visem à promoção da saúde e ao bem-estar destes trabalhadores.

SAÚDE MENTAL E A ABORDAGEM EPIDEMIOLÓGICA

Para Organização Mundial de Saúde – OMS (2002) os problemas de ordem da Saúde Mental são resultado de um processo dinâmico e de uma relação de interdependência entre as dimensões das esferas biológica, psicológica e social. Tal compreensão evidencia a fundamental importância da saúde mental para o bem-estar das pessoas, pois tal entendimento reflete no próprio conceito de saúde, visto não apenas como ausência de doenças mas sim como um bem-estar físico, mental e social, fruto de avanços no campo da Neurociência, da Genética, da Psicologia e da Sociologia. A Saúde Mental, portanto, engloba aspectos subjetivos e a auto realização do potencial intelectual e emocional, sendo considerada tão importante quanto a saúde física (OMS, 2002).

No que tange aos estudos sobre Saúde Mental e trabalho, três áreas se destacam – a Psicodinâmica do trabalho, que estuda o sofrimento mental sob a perspectiva psicanalítica; as teorias sobre o Estresse, que se popularizou em função da associação entre o trabalho e a doença mental, avaliando os fatores de risco em relação ao desgaste físico e mental; e a perspectiva Epidemiológica,

que estuda a relação entre os aspectos ligados ao trabalho implicadas no processo saúde/doença (JACQUES, 2003).

A abordagem Epidemiológica ou diagnóstica em Saúde Mental tem origem na epidemiologia geral, a qual investiga os múltiplos fatores envolvidos no processo saúde/doença com intuito de auxiliar no desenvolvimento de políticas públicas de saúde e intervenções de caráter preventivo. Geralmente serve de base teórica para as pesquisas sobre a relação entre a saúde mental e o trabalho sob a perspectiva de que a vida laboral contribui para construção da individualidade a partir da análise das condições objetivas e subjetivas do trabalho, nas quais se incluem as questões sociais, econômicas, pessoais e clínicas, considerando os sentidos atribuídos ao trabalho, as condições estruturais e organizacionais bem como os problemas ligados à saúde mental (CODO, SORATTO e VASQUES-MENEZES, 2004).

Para Sampaio (1998) o processo saúde/doença é influenciado por determinantes biológicos, psicológicos e sociais. Partindo de tais pressupostos, a epidemiologia se inscreve como uma ciência social – prática e empírica, que identifica, quantifica e qualifica suas pesquisas e de forma interdisciplinar, analisa determinado corte populacional ou categoria profissional como integrante e indissociável da organização social, que sofre alterações das forças produtivas e nas relações de trabalho. Desta forma, é preciso considerar que as pessoas nascem e vivem em um dado grupo social, no qual o trabalho é a base da sobrevivência, pois em algumas situações o indivíduo inicia no mercado de trabalho desde a infância ou adolescência e, portanto, a vida passa a ser regida pelas exigências da vida laboral (BORSOI, 2007).

Para Tittoni e Nardi (2008) a percepção do trabalhador de si mesmo envolve sua capacidade para o trabalho, na medida em que a saúde e a capacidade de ser produtivo estão intrinsecamente ligadas, pois a doença expressa a improdutividade e com isso o trabalho estabelece os limites entre saúde e produtividade, pois circunscreve o valor da força de trabalho. Portanto, o adoecimento no trabalho, diz respeito a uma quebra na identidade profissional, em função da particularidade da vida laboral e da centralidade do trabalho na sociedade. Desta maneira, a compreensão da relação existente entre a Saúde Mental e o trabalho, dada a sua complexidade, requer um diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

Vale lembrar que tanto as relações quanto às condições de trabalho modificaram-se em decorrência das transformações tecnológicas, econômicas e institucionais, impulsionadas pela reestruturação produtiva que repercutiu na saúde e na integridade do trabalhador, gerando diferentes formas de adoecimento no trabalho como, por exemplo, estresse, fadiga física e mental,

lesões musculoesqueléticas conhecidas como Lesão por Esforço Repetitivo – LER e o Distúrbio Osteomuscular Relacionada ao Trabalho – DORT, entre outros agravos ocupacionais já conhecidos como intoxicações, perda auditiva, pneumopatias e dermatoses (BRASIL, 2001).

Quanto à saúde do trabalhador, Sato, Lacaz e Bernardo (2006) indicam que há uma demanda de formas de atuação que proporcionam a atenção à saúde, com vistas a criar estratégias de intervenções que visem à prevenção, a assistência e a promoção da saúde sob uma perspectiva ampla que não se restrinja aos aspectos biológicos, mas que integre o psíquico e o social.

MÉTODO

Para este estudo utilizou-se um questionário sociodemográfico para caracterização dos participantes, um roteiro de entrevista semiestruturada. Participaram 21 mototaxistas, todos do sexo masculino, com idade entre 21 e 65 anos, 12 havendo cursado apenas o ensino fundamental, 19 já havendo estado inserido no mercado de trabalho na formalidade no passado, 12 não contribuindo para previdência social. Todos trabalham mais de 44 horas semanais. Os entrevistados foram convidados voluntariamente para participar da pesquisa em seus locais de trabalho, todos tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo seguiu as normas e procedimentos éticos conforme a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, com o número CAAE 71061917.6.0000.5669.

Para análise dos dados foi feito uso do programa IRAMUTEQ que se refere a um software gratuito que possibilita diferentes tipos de análise de dados textuais contribuindo para o campo de estudos das ciências humanas e sociais. O IRAMUTEQ também possui um rigor estatístico que favorece o uso de vários recursos técnicos de análise lexical (CAMARGO; JUSTO, 2013).

RESULTADOS

O corpus inicial composto por 21 entrevistas foi analisado e resultou em 171 seguimentos de textos, com 1171 formas, 6030 ocorrências e 622 hapax que são palavras que aparecem apenas uma vez no texto.

Nuvem de palavras

Quanto à nuvem de palavras a análise dos seguimentos de textos resultou em um agrupamento de palavras que aponta as palavras com maior frequência no

TABELA 1 - Dendograma de classes com palavras mais significativas para o corpus mototaxista

Classe 3 12.82% <i>Rotina de trabalho do mototaxista</i>		Classe 2 10.9% <i>Riscos inerentes à atividade dos mototaxistas</i>		Classe 1 14.74% <i>A inserção no trabalho como mototaxista</i>		Classe 4 16.03% <i>Elementos motivadores</i>		Classe 5 14.1% <i>Dificuldades na realização de atividades de lazer</i>		Classe 6 14.1% <i>Flexibilidade nos horários de trabalho</i>		Classe 7 17.31% <i>Estratégias de proteção no trabalho</i>	
Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F	Palavra/ Chi2	F
Trânsito 43.38	24	Acidente 77.73	21	Emprego 57.83	17	Ganhar 24.77	12	Praia 72.08	11	Voltar 101.08	32	Uso 115.94	21
Segurança 27.76	06	Assalto 45.15	14	Começar 33.5	13	Ligar 21.51	4	Conta 44.64	7	Hora 59.04	14	Manga 79.29	15
Respeitar 22.52	07	Risco 44.0	09	Pensar 23.35	06	Salário 21.01	6	Lazer 31.03	7	Manhã 52.77	15	Protetor solar 63.29	14
Chuva 21.28	10	Perigo 33.72	06	Habilitação 23.35	06	Horário 15.35	10	Semana 23.97	11	Ponto 48.06	8	Luva 51.05	10
Motoqueiro 20.8	03	Perigoso 26.53	10	Trabalhar 19.09	34	Bom 14.31	20	Pagar 23.76	17	Almoço 37.5	9	Capacete 51.05	10

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

No que tange aos conteúdos lexicais das análises textuais, a análise resultou na Classe 3 com 12.82% dos seguimentos de texto descrita como Rotina de trabalho do mototaxista, pois apresenta as condições de trabalho e as características inerentes à rotina desta categoria de trabalho.

Tabela 2 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 3

X ²	Segmento de Texto
43.38	Eu enfrento o trânsito , correria, os carro querendo passar por cima, acho que num tem um mototáxi que não foi acidentado. Outra coisa, as pessoas no trânsito são muito ignorantes.
27.76	É falta de segurança , porque quem trabalha autônomo não tem segurança , o cansaço, o estresse do trânsito e do sol.
22.52	Quando vamos no trânsito os carros entram na frente, temos que desviar é um pouco perigoso, tem motorista que não respeita o motoqueiro.
21.28	É bom, eu trabalho por conta própria, faço meu horário, é um pouco estressante, cansativo ficar aqui em pé, pegar chuva , sol e os problemas do trânsito estressa ainda mais.
20.8	Tem o trânsito que é perigoso demais, os carros não respeitam o motoqueiro , o solzão brabo, umas pessoas dão um calote e não paga e tem os assaltos.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

A Classe 2 com 10.9% dos seguimentos de textos, denominada Riscos inerentes à atividade dos mototaxistas, revela a percepção, que os entrevistados têm sobre a atividade laboral mototaxista.

Tabela 3 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 2

χ^2	Segmento de Texto
77.73	Eu sou regularizado eu fiz o curso, sou capacitado para trabalhar transportando passageiros, mas toda profissão tem riscos, para nós é colocar uma pessoa na garupa sem saber quem é, tem o risco de assalto e de acidente .
45.15	Estamos sujeito a tudo, a acidente, a roubo de moto, assalto , chuva, sol, poeira.
44.0	São condições que têm um alto risco de acidente, risco de ser vítima de assalto porque é uma profissão arriscada, tem risco de obter alguma doença respiratória devido à fumaça dos carros, risco de queimaduras solar se não usar protetor, é um risco também de ter multas e cometer infração de trânsito.
33.72	Aqui nossas condições como trabalhador não são boas, você tem risco de assaltos, acidentes, você só tem o seguro DPVAT e não é igual ao INSS. O mototáxi está exposto a tudo, vulnerável ao sol, a chuva, ao perigo constante, não sabe quem está levando, perigo no trânsito e falta de segurança.
26.53	Isso é muito perigoso de assalto, levar o dinheiro, a moto, perigo de levar um acidente, os carros passar por cima.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

Já a Classe 1 com 14.74% dos seguimentos de textos intitulada A inserção no trabalho como mototaxista, está relacionada com as circunstâncias, que os levaram ao trabalho de mototaxista. Dentre as mais citadas estão: a falta de oportunidade no mercado de trabalho formal e com isso a falta de emprego, a necessidade de subsistência e a manutenção das despesas da família.

A Classe 4, que resultou em 16.03% dos seguimentos de textos, em função do conteúdo foi denominada de Elementos motivadores, pois revela os benefícios de se trabalhar informalmente e por este motivo, os entrevistados avaliam sua atividade como um trabalho bom, apesar de ser uma renda instável. Dentre os benefícios mais citados, estão as vantagens de se poder fazer o próprio horário e ter disponibilidade para atender as necessidades da família.

Na Classe 5, Dificuldades na realização de atividades de lazer, com 14.1% dos seguimentos de textos, os entrevistados justificam tal dificuldade, por haver a necessidade primordial em manter o sustento da família e declararam que somente às vezes divertem-se durante o fim da semana.

TABELA 4 – Segmentos de texto mais representativos da Classe 1

X ²	Segmento de Texto
57.83	O que me levou ao trabalho de mototáxi foi a falta de emprego . Um amigo me falou: por que tu não tenta dá umas corridas de mototáxi? Aí eu comecei e estou até agora.
33.5	Eu trabalhava de gerente de uma boate, depois fiquei desempregado e comecei a me entrosar com colega mototaxista e ele me disse que dava para descolar uns 60 reais por dia ai comecei.
23.35	Eu tinha habilitação, já tinha moto, eu pensei : vou trabalhar nesse ramo de mototáxi para sobreviver.
23.35	Não tinha emprego, eu vi os outros mototaxistas aí comecei, sempre tive moto, já tinha habilitação e para ajudar a família comecei.
19.09	Eu fiquei desempregado já faz um mês, eu trabalhava de serviços gerais no comércio. Sou tradutor, fiz um curso de inglês trabalhei em hotel e agora decidir mudar e ser mototáxi.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

TABELA 5 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 4

X ²	Segmento de Texto
24.77	Eu acho bom, eu trabalho para mim mesmo, eu tenho tempo para fazer outras coisas, eu consigo ganhar para ajudar minha família. Só tem de ruim a insegurança.
21.51	Se eu arrumasse um serviço empregado, não teria tempo para ir atender elas, se minha mãe ligar eu posso ir à farmácia, na feira, no banco, na consulta, porque tudo sou eu que resolvo.
21.01	Pelo salário que ganhamos se melhorar se aumentasse era melhor, mas pelo o estudo que eu tenho está bom porque eu não consigo emprego melhor.
15.35	Eu tiro um tempo quando precisam de mim, por isso que eu trabalho de mototáxi porque eu tenho essa oportunidade de fazer meu horário .
14.31	Tem dia que dá pouco, nem para gasolina, mas tem dia que é bom .

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

TABELA 6 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 5

X ²	Segmento de Texto
72.08	A gente se reúne umas duas vezes por ano e vai à praia , demora porque não tenho tempo para lazer, só eu que trabalho.
44.64	Os motivos são as contas para pagar, ajudar a mulher, pagar a moto e para ter dinheiro também.
31.03	Lazer é dia de domingo, agora a convivência com a família é difícil, mas eu fico acordado até tarde para poder conviver mais com os meninos.
23.97	Eu tiro um fim de semana para sair com a família para casa de familiares. Porque a renda que estou tendo é essa, se eu não vim para cá eu não vou ter renda e sem renda eu não teria condições de sustentar minha família.
23.76	Você precisa trabalhar para se manter; manter a família; pagar as contas impostos.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

TABELA 7 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 6

X ²	Segmento de Texto
101.08	Eu saio 5 horas e 30 minutos da manhã e volto umas 9 horas 30 minutos para casa para fazer o almoço, porque eu moro só, aí volto de tarde umas 3 horas até umas 7 horas da noite.
59.04	Minha rotina é a partir das 6 horas da manhã até 11 horas , voltar para casa almoçar e voltar às 13 horas até 18 horas.
52.77	Eu saio de manhã 6 horas, meio-dia vou almoçar e volto só 18 horas para casa. Eu passo o dia em pé aqui, no sol, é muito estressante, fico cansado tanto nas pernas quanto na mente.
48.06	Começo 8 horas da manhã saio vou atrás de cliente, meio-dia vou deixar meus filhos do colégio em casa, almoço e volto para o ponto . No final do dia volto para casa com vontade só de dormir, cansaço geral.
37.5	Eu saio de manhã às 6 horas e 30 minutos venho para o ponto, faço as corridas, volto em casa para deixar alguma coisa para o almoço e volto para rua, fico girando na cidade para ver se aparece algum passageiro, volto 12 horas e 30 minutos para almoçar , depois durmo um pouco e volto para rua.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ

A Classe 6 apresentou 14.1% dos seguimentos de texto e foi descrita como Flexibilidade nos horários de trabalho. Neste conjunto ficou evidenciada uma rotina ajustável em relação aos horários de trabalho, no que concerne ao início e ao término, além da duração dos turnos de trabalho que para alguns se inicia às 5h30min e para outros às 8h.

A Classe 7, com 17.31% dos seguimentos do texto denominada Estratégias de proteção no trabalho, possui a maior porcentagem dos seguimentos de texto e está relacionada com as medidas de prevenção à acidentes que inclui o uso de Equipamento de Proteção Individual – EPI, como: capacete, luvas, óculos escuros, protetor solar, camisa manga comprida além de considerarem importante a manutenção regular da motocicleta para evitar acidentes.

TABELA 8 - Segmentos de texto mais representativos da Classe 7

X ²	Segmento de Texto
115.94	Eu uso protetor solar, camisa mangão, luvas, óculos de sol, capacete é obrigatório; uso minha habilitação em dia; pago IPVA em dia porque se tiver algum acidente tem direito ao DPVAT.
79.29	O sol é enfadante, sem contar o estresse do trânsito, você tem que desviar, parar e tomar susto. Uso luva, camisa de manga , óculos de sol, mas sempre é enfadante, de noite fica cochilando com o cansaço do sol.
63.29	É estar com o veículo bem preparado, freios, setas, pneu em bom estado, farol; uso o capacete, camisa manga longa e protetor solar ; se hidratar bem, beber muita água e usar sapato.
51.05	Uso roupa comprida, sapato, camisa manga comprida, luva , capacete com viseira para evitar poeira, um besouro no olho, areia.
51.05	Eu procuro respeitar o trânsito, as pessoas, os passageiros, uso luvas, capacete , calçado adequado, sempre de calça, manga longa por causa do sol; uso protetor solar para o rosto e labial; na moto uso mata cachorro, antena corta linha de pipa e os faróis sempre funcionando.

Fonte: Análise realizada por meio do software IRAMUTEQ.

DISCUSSÃO

Concernente à forma de inserção no Trabalho Informal, observou-se que esta acontece por múltiplos fatores e dentre eles está o desemprego, corroborando com Bendassolli et al. (2015) e Bernadino e Andrade (2015) quando

comentam que o Trabalho Informal é uma saída para as pessoas em situação de desemprego. A partir disso observa-se que o processo de inserção no Trabalho Informal como mototaxista, tem como um dos fatores a falta de oportunidade no mercado de Trabalho Formal, como relata um dos entrevistados – “O que me levou ao trabalho de mototáxi foi a falta de emprego. Um amigo me falou: por que tu não tenta dá umas corridas de mototáxi? Aí eu comecei e estou até agora” (50 anos de idade, 10 anos na informalidade, contribui para previdência social).

Outro fator envolvido na inserção como mototaxista é que em muitos casos, os entrevistados relataram que optaram por esta forma de Trabalho Informal por possuírem pouca escolaridade, conforme Teixeira (2013) encontrou em seus resultados um grande número de entrevistados com apenas ensino fundamental. Esta situação foi evidenciada por um dos respondentes quando comentou que “... por causa da precisão, mas quem tem um saber, é formado tem um serviço melhor, porque isso aqui é para quem não tem grande estudo, como eu não tinha estudo, eu comecei” (47 anos, 29 anos na informalidade, não contribui para previdência).

Em relação à alta jornada de trabalho, Teixeira (2013) também assinala que esta pode ser entendida pela ausência de outro tipo de renda, pois frequentemente os mototaxistas não possuem outra ocupação, o que contribui para que se submetam às longas jornadas de trabalho com carga horária maior que 8 horas diárias, trabalhando seis à sete dias por semana. Diante do exposto se percebe os riscos à saúde física e psíquica por terem que realizar uma carga horária excessiva para poder garantir o sustento da família, comprometendo assim não só a saúde, mas também as relações sociais e o lazer – seja pela dificuldade de gerir o próprio tempo, por terem autonomia para decidir seus horários de trabalho como aponta Teixeira (2013); seja por terem que aumentar sua jornada de trabalho para alcançar um maior retorno financeiro, como salienta Amorim et al. (2012).

Tal dificuldade para realizar atividades de lazer foi justificada pelos entrevistados por terem que trabalhar mais horas, inclusive no fim de semana, para manter a família, assim descreve um dos entrevistados “A gente se reúne umas, duas vezes por ano e vai à praia, demora porque não tenho tempo para lazer, só eu que trabalho” (47 anos, 29 anos na informalidade, não contribui para previdência social). Uma palavra com 100% de frequência na Classe Cinco é a palavra conta, visto que pagar as contas e garantir a subsistência é o que os motiva a continuar trabalhando de mototaxista, como aponta um dos respondentes – “Eu ganho pouco, não dá para ter lazer, às vezes vamos à praia, mas, é difícil”. O motivo é para levar o pão de cada dia, manter a comida,

pagar as contas” (50 anos, 10 anos na informalidade, contribui para a previdência social).

Sobre os riscos envolvidos nesta profissão, Fontana, Silva e Oliveira (2011) assinalaram as más condições de trabalho que os mototaxistas estão inseridos, pois sua rotina de trabalho acontece em um ritmo intenso, com longas jornadas de trabalho que contribuem para o cansaço físico e mental, além de maior exposição aos acidentes de trânsito, pois devido ao cansaço há a diminuição dos reflexos e atenção exigidas no trânsito. Tal situação é trazida por um mototaxista experiente quando comenta que “...tem o sol que queima a pele e até as calças; tem a chuva; o meu corpo fica quebrado de montar e descer o dia todo da moto; tem o cansaço físico e mental porque você fica muito estressado” (65 anos, 10 anos na informalidade, contribui para previdência social).

Neste sentido, trabalhar no trânsito é visto como estressante por dois motivos, o primeiro por ter que parar várias vezes, ter atenção às sinalizações de trânsito e ainda ter que desviar dos veículos e muitas vezes tomar susto como aponta um dos entrevistados “O sol é enfadante, sem contar o estresse do trânsito, você tem que desviar, parar e tomar susto” (34 anos, 6 anos na informalidade, não contribui para previdência social). O trânsito foi constantemente apontado como fator estressante, além do sol e a falta de segurança, tanto no que tange à violência urbana, quanto à insegurança em relação à previdência social, comparada à segurança de se ter a carteira assinada (Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS) como descreve um dos participantes “Nós não temos amparo, não tem carteira assinada, se acontecer um acidente fica tudo difícil para nós. Eu acho perigoso por causa do trânsito, o risco de acidente, dos roubos e por isso ficamos vulneráveis” (42 anos, 3 anos na informalidade, não contribui para a previdência social).

Tal situação é entendida como elementos desmotivadores no processo de trabalho, que foi caracterizado pelos entrevistados, como estressante, cansativo, perigoso e inseguro como destaca um dos mototaxistas – “É falta de segurança, porque quem trabalha autônomo não tem segurança, o cansaço, o estresse do trânsito e do sol. Eu vejo que dá para sobreviver, eu contribuo para o INSS, porque este trabalho eu via que não tinha segurança, é inseguro, se você adoecer você não tem amparo, você tem que contribuir para poder ter direitos” (47 anos, 8 anos na informalidade, contribui para a previdência social).

Quanto ao uso de motocicleta como ferramenta de trabalho, segundo Amorim et al. (2012), este é um veículo que faz com que haja também maior vulnerabilidade para que ocorra acidentes de trânsito, contribuindo assim para um aumento no número de acidentes de trabalho para os mototaxistas. No que

tange os acidentes de trânsito no âmbito nacional, segundo Brasil (2016), as mortes em decorrência por Acidentes de Transportes Terrestres – ATTs ocupam o segundo lugar no ranking nacional das cinco principais causas de mortes externas, perdendo apenas para mortes por agressões. Entre as vítimas fatais nos acidentes de trânsito, está em sua maioria pessoas do sexo masculino e o uso de motocicleta ocupando o primeiro lugar com maior número de óbitos. Diante desses dados observa-se que os mototaxistas estão expostos a um alto risco para se envolver em acidentes de trânsito.

Assim, esta ocupação foi considerada de alto risco à saúde e à vida, uma vez que os mototaxistas estão sujeitos a sofrer acidente de trânsito ou serem assaltados, revelando assim a vulnerabilidade das condições de trabalho descrita por um mototaxista iniciante “São condições que têm um alto risco de acidente, risco de ser vítima de assalto porque é uma profissão arriscada, tem risco de obter alguma doença respiratória devido à fumaça dos carros, risco de queimaduras solar se não usar protetor, é um risco também de ter multas e cometer infração de trânsito” (38 anos, 1 mês na informalidade, não contribui para a previdência social).

Por outro lado, os entrevistados declararam que o Trabalho Informal é bom, fazendo uma comparação com o Trabalho Formal, pois 19 dos 21 entrevistados já trabalharam formalmente e todos os 21 participantes, possuem carga horária de trabalho superior a 44 horas semanais. Entretanto, mesmo com uma carga horária maior que em um emprego formal, os participantes consideram positivo ter a flexibilidade de horários para poder realizar atividades que funcionam em horário comercial como um dos mototaxistas com carga horária de 72 horas semanais relatou “Se eu arrumasse um serviço empregado, não teria tempo para ir atender elas, se minha mãe ligar eu posso ir à farmácia, na feira, no banco, na consulta, porque tudo sou eu que resolvo. Eu pensei: se eu trabalhar de mototáxi eu poderia organizar meu horário” (47 anos, 7 anos na informalidade, contribui para a previdência social).

Quanto aos elementos motivadores da profissão, dentre os principais motivos explanados por parte dos entrevistados estão a liberdade de fazer o próprio horário e o atendimento à família, como também encontrou em seu estudo Fontana, Silva e Oliveira (2011) que o horário de trabalho flexível e a autonomia para gerir o próprio tempo de serviço são duas das principais vantagens de se trabalhar informalmente.

No que concerne o início e o término da jornada de trabalho, evidenciou-se a ênfase dada à flexibilidade no processo de trabalho, que consiste em uma das principais características do Trabalho Informal como no exemplo – “Começo 8

horas da manhã saio vou atrás de cliente, meio-dia vou deixar meus filhos do colégio em casa, almoço e volto para o ponto. No final do dia volto para casa com vontade só de dormir, cansaço geral” (26 anos, 4 anos na informalidade, não contribui para previdência social).

Nesse sentido, Kim, Tonelli e Silva (2017) descobriram uma satisfação com a flexibilidade de horários que o Trabalho Informal possibilita, mesmo que haja maior carga horária de trabalho, pois a fragmentação dos horários permite maior controle sobre seu tempo e com isso podem realizar outras atividades para família, o que não era possível no contrato formal que possuíam antes.

Em face do que foi apresentado, conclui-se que há uma relação entre os vários aspectos que englobam as condições de trabalho dos mototaxistas sobre a saúde dos mesmos, visto que as condições de trabalho são precárias devido às questões estruturais e organizacionais – trabalho sem supervisão, longas jornadas de trabalho, trabalho em turno noturno, situações de estresse físico e psíquico que são considerados riscos ergonômicos; envolve questões ambientais – exposição ao sol, à chuva e aos ruídos que são riscos físicos; exposição ao calor, à gases de combustão e à fumaça, que compreendem os riscos químicos; e ainda o uso de motocicleta como importante risco de acidente (BRASIL, 1995).

Todos os riscos citados acima, dizem respeito aos fatores que podem levar ao adoecimento, estando ligados à rotina, ao ambiente e às condições de trabalho, em especial os riscos relacionados à organização do trabalho, como os riscos ergonômicos, que podem ser ocasionados por conta do processo de reestruturação produtiva, pela globalização da economia que implica em mudanças na organização do trabalho, causando impacto sobre a saúde do trabalhador, pois a pressão do tempo, as relações de trabalho tensas e precárias se tornaram fatores psicossociais que resultam em situações de estresse referente ao trabalho (BRASIL, 2001).

Em relação aos problemas de saúde mental, de acordo com a OMS (2002) tal dimensão abrange um processo dinâmico que envolve múltiplos fatores incluindo aspectos biológicos, psicológicos e sociais, de forma que se atribui uma inter-relação entre eles e com isso a saúde mental é entendida como primordial para o bem-estar dos indivíduos, visto que a concepção de saúde não se restringe a apenas ausência de doenças, mas sim um bem-estar biopsicossocial. Deste modo, a atividade de mototaxista compreende vários fatores que interferem no âmbito físico, mental e social dos trabalhadores, na medida em que há um desgaste físico, devido ao calor e à alta carga horária de trabalho, que por sua vez limita as relações sociais; há também uma maior

exposição à poluição ambiental; somando-se a isso o trânsito foi indicado por parte dos respondentes como principal elemento estressor.

No que concerne à abordagem Epidemiológica, como apontam Codo, Soratto e Vasques-Menezes (2004), o estudo do adoecimento no trabalho, ao se observar os fatores citados acima, pode-se depreender que estes trabalhadores estão vulneráveis ao adoecimento devido aos riscos ocupacionais de caráter ambiental, físicos e psicossociais inerente à rotina dos mototaxistas e por estarem expostos aos inúmeros determinantes que causam um impacto na saúde física e mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo observou-se que os entrevistados, estão expostos a vários fatores que contribuem para o aumento dos riscos ocupacionais a que estão submetidos, devido às características inerentes à atividade de mototaxista e ao Trabalho Informal. Um desses fatores está relacionado à insegurança e à ausência de benefícios trabalhistas, à elevada carga horária de trabalho e conseqüentemente ao aumento do risco de acidente e estresse no trânsito. Tal situação coloca em risco a saúde física e psíquica dos entrevistados, visto que a alta carga horária, bem como as condições gerais de trabalho influenciam para uma maior exposição ao sol e para as altas temperaturas; maior desgaste físico e mental; inalação de poeira e gases da combustão dos veículos; além do comprometimento das relações sociais, familiares e atividades de lazer.

Diante disto, conclui-se que a profissão de mototaxista, embora possibilite uma renda mensal maior que um salário mínimo, faz com que estes profissionais se submetam às condições de trabalho precárias, devido à falta de oportunidade no mercado de Trabalho Formal, ficando expostos ao estresse do trânsito, à carga horária elevada exercida nos três turnos, ao alto risco de acidente de trânsito, além da maior vulnerabilidade à violência urbana por conta do risco de assalto. Portanto, as condições de trabalho dos mototaxistas, enquanto trabalhadores informais são caracterizadas por circunstâncias prejudiciais à saúde física e psíquica dos mesmos. Em relação à percepção dos entrevistados sobre a sua profissão, observou-se que eles percebem sua atividade como perigosas devido aos inúmeros riscos aos quais estão submetidos diariamente, dada às características intrínsecas à sua dinâmica laboral.

Nesse sentido, diante da precariedade no exercício da função de mototaxista, reconhece-se a importância do presente estudo, que indica a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas que visem à promoção da saúde e do bem-estar destes trabalhadores informais, que de acordo com a perspectiva da

abordagem Epidemiológica, buscou investigar os diversos determinantes do processo saúde/doença, com intuito de contribuir para criação de estratégias de prevenção. Assim, sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas, considerando as limitações deste estudo, para que se possa ampliar o conhecimento das condições de trabalho do trabalhador informal em outras categorias ocupacionais e com isso favorecer estratégias de intervenções que visem à qualidade de vida dos trabalhadores.

REFERÊNCIAS

AMORIM, C. R. et al. Acidente de trabalho com mototaxistas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v.15, n. 1, 2012.

ANTUNES, R. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho? **Serviço Social Sociedade**, n. 107, 2011.

AZEVEDO, M.C. e TONELLI, M. J. **Revista de Administração Mackenzie**, v.15, n. 3, Edição Especial, 2014.

BENDASSOLLI, P. F., COELHO-LIMA, F.; CARLOTTO, M. S.; NÜSSLE, F. S. e FERREIRA, I. M. Estratégias utilizadas pelos trabalhadores para enfrentar o desemprego. **Revista Colombiana de Psicologia**, v.24, n. 2, 2015.

BERNADINO, D. C. A. e ANDRADE, M. O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: Uma Revisão Integrativa. **Revista de Enfermagem Referência**, 4 (7), 2015.

BORSOI, I. C. F. Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. **Psicologia e Sociedade**, Edição Especial, 2007.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Secretaria de segurança e saúde no trabalho. **Portaria n.º 25, de 29 de Dezembro de 1994**. Brasília, DF, 1995.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Doenças relacionadas com o trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde**. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Presidência da República. Lei n° 12.009, de 29 de Julho de 2009. **Casa Civil**, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466 de 12 de Dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.

BRASIL. **Mortes por acidente de transporte terrestre no Brasil: análise dos sistemas de informação do Ministério da Saúde**. IPEIA, Rio de Janeiro, 2016.

CACCIAMALLI, M. C. Globalização e processo de informalidade. **Economia e Sociedade**, 9 (1), 2000.

CAMARGO, B. V., JUSTO, A. M.; IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. **Temas em Psicologia**, 21 (2), 2013.

CBO, MTE. **Código Brasileiro de Ocupações**. Brasília: 2015.

- COSTA, M. S. Trabalho informal: Um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. **Caderno CRH**, 33 (58), 2010.
- CODO, W.; SORATTO, L. e VASQUES-MENEZES, I. Saúde mental e trabalho. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade e A. V. B. Bastos. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed. 2004.
- CONTRAN. **Resolução 356 de 02 de agosto de 2010**. Brasília, 2010.
- FONTANA, R. T.; SILVA, M. B.; OLIVEIRA, M. B. Atividade de mototaxista: riscos autoreferidos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 64 (6), 2011.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Brasília, 2017a.
- IBGE. PNAD Contínua: taxa de desocupação é de 12,4% no trimestre encerrado em setembro. Agência IBGE notícias. Outubro. 2017b. Estatísticas sociais. Disponível em: Disponível em: <<https://bit.ly/2BEQMBZ>>. Acesso em: 22 dez.2018.
- JACQUES, M.G.C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental e trabalho. **Revista Psicologia e Sociedade**, 15 (1), 2003.
- KIM, N. H. TONELLI, M. J. e SILVA, A. L. Do formal ao informal: executivos que migraram para o trabalho flexível. **Revista Bras. de Gestão de Negócio**, São Paulo, 19 (63), 2017.
- KON, A. **Diversidades nas Condições de Informalidade do Trabalho Brasileiro**. ANPEC - Área 6 : Economia do Trabalho, Economia Social e Demografia, 2004.
- KREIN, J. D. CARDOSO, J. C., BIAVASCHI, M. B., e TEIXEIRA, M. L. **Regulação do trabalho e instituições públicas**. São Paulo, Brasil: Fundação Perseu Abramo. 2013.
- LIMA, J. C. e SOARES, M. J. B. Trabalho flexível e o novo informal. **Caderno CRH**, 37, 2002.
- MATSUO, M. **Trabalho informal e desemprego: Desigualdades sociais**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2009.
- MARIANO, J. As novas leituras do mercado de trabalho e a regionalização do desemprego. **Êlisée**, Revista de Geografia, Anápolis, 4 (1), 2015.
- NORONHA, E. G. “Informal”, Ilegal e Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 18 (53), 2003
- OMS. **Saúde Mental: uma nova concepção, nova esperança**. Relatório Mundial da Saúde. Lisboa: 2002.
- OIT. Oficina Regional de la OIT para América Latina y el Caribe. **En américa latina y el caribe hay 127 millones trabajadores em la informalidad**. Lima, Perú. 2013.
- PORTAL DO MICROEMPREENDEDOR INDIVIDUAL. **Definição do Microempreendedor Individual-MEI**. 2017. Disponível em: < <https://bit.ly/2NDwTUg> >. Acesso em 22 dez.2018.
- ROSENFELD, C. L. e ALMEIDA, M. L. Contratualização das Relações de Trabalho: embaralhando conceitos canônicos da sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, 41, 2014.

SAMPAIO, J. J. C. **Epidemiologia da imprecisão**: processo saúde/doença mental como objeto da epidemiologia [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1998. SciELO Books. Disponível em: < <https://bit.ly/2QNpTWW>>. Acesso em 22 dez.2018.

SATO, L.; LACAZ, F. A. C. e BERNARDO, M. H. Psicologia e saúde do trabalhador: práticas e investigações na Saúde Pública de São Paulo. **Estudos de Psicologia**, 11(3), 2006.

TEIXEIRA, J. R. B. **Qualidade de vida e aspectos do trabalho de mototaxistas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2013.

TITTONI, J. e NARDI, H. C. Saúde mental e trabalho reflexões a partir de estudos com trabalhadores afastados do trabalho por adoecimento profissional. In: JACQUES, M.G.C., et al. (org.). **Relações sociais e ética** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. Disponível em:< <https://bit.ly/2EL3SBH> >. Acesso em 22 dez.2018.

VARGAS, J. A Gênese do Mercado de Trabalho e o Fenômeno da Informalidade no Brasil: Uma Breve Interpretação à luz da Economia Social e do Trabalho In: JORNADA DE NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1, 2016. Debates para superação das desigualdades socioeconômicas, UNESC, 1-28, 2016.

VASCONCELOS, K. S. L. **De Empresário Individual Informal à Microempreendedor Individual (MEI)**: Uma Análise dos Benefícios da Política de Formalização. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2016.

Data da submissão: 02/06/2018

Data da aprovação: 25/11/2018